

Pôster

BIBLIÓFILOS E BIBLIODETETIVES: PERSONAGENS DE INFORMAÇÃO E MEMÓRIA

Kelly Castelo Branco da Silva Melo – UNIRIO
Leila Beatriz Ribeiro – UNIRIO

Resumo

O presente artigo é resultado parcial de pesquisas de dissertação de mestrado. Ele tem por objetivo analisar as coleções bibliófilas a partir de dois discursos: de bibliófilos reais e de bibliófilos ficcionais. No âmbito do real, as falas são as de bibliófilos importantes no campo da bibliofilia, a saber: Rubens Borba de Moraes, Eduardo Frieiro, José Mindlin e Umberto Eco. No âmbito do ficcional, as falas são as dos personagens do romance policial norte-americano *Edições Perigosas*, de John Dunning, que trás as aventuras de um detetive bibliófilo que resolve deixar a polícia para seguir sua vocação: trabalhar com livros. Mas na medida em que crimes ligados à obsessão bibliófila vão acontecendo, ele se vê obrigado a acionar a vida que deixou para trás para solucioná-los. Através dessas narrativas, este estudo, ao apontar relações entre livro, literatura e memória; ao caracterizar aspectos informacionais, identificando categorias e tipologias; e ao observar o papel da relação coleção-colecionador na formação da identidade bibliófilo, descobre essas coleções como lugares onde dinâmicas de memória e informação se potencializam.

Palavras-chave: Coleção. Bibliofilia. Memória. Informação. Romance Policial.

Abstract

This paper is the partial result of studies undertaken due to the elaboration of a Master's degree dissertation. It analyses bibliophilistic collections based on discourses from real bibliophiles and from fictional ones. Within the real, the lines are those from important bibliophiles in the field of bibliophilia, namely: Rubens Borba de Moraes, Eduardo Frieiro, José Mindlin e Umberto Eco. Within the fiction, the lines are those from the characters in the north-american crime fiction novel *Booked to die*, by John Dunning, that tells the story of a bibliophile detective, who decides to leave the force to follow his true calling: working with books. But as crimes happen motivated by bibliophilistic obsessions he sees himself forced back to his old life as he tries to solve them. Through these narratives, this study discovers these collections as places where information and memory dynamics are potentiated by showing the relations between books, literature and memory; by characterizing informational aspects, identifying categories and typologies; and by observing the role of collection-collector relationship in the construction of the bibliophile identity.

Keywords: Collection. Bibliophilia. Memory. Information. Crime fiction.

1 INTRODUÇÃO

Eu creio... Em minha memória: a Coisa¹.

Sabe-se que o fenômeno da materialização da memória (transferência desta para suportes materiais) é um processo gradual que se desenrola desde o surgimento da escrita, e que surge em resposta à necessidade ou preocupação com o conservar e transmitir de certas informações (LE GOFF, 2012). Tratando-se de uma sociedade exponencialmente fundamentada na cultura material, não é de causar espanto a intensificação desse aporte mnemônico na materialidade, no que Nora (1993) chamou de “metamorfose contemporânea”. Componentes importantes do universo material, os objetos se apresentam como mediadores informacionais cada vez mais essenciais não só da relação dos indivíduos com o ambiente, mas também com os outros e consigo mesmos, acabando por serem partes atuantes de operações humanas significativas, como as de construção de memória e identidade. Assim sendo, eles se tornam rico objeto de estudo das ciências humanas, que se volta para eles em busca do desvendar das relações sujeito-objeto, por sua vez chaves para outras conexões mais abrangentes como sujeito-mundo e sujeito-memória.

Dentre as muitas relações que estabelecemos com as coisas, a que aqui pretendemos abordar é a do colecionar; mais especificamente, a do colecionismo de livros em sua manifestação mais intensa: a bibliofilia. Para tanto, entrecruzaremos dois discursos: o de bibliófilos reais e o de bibliófilos ficcionais. Na esfera do real, as falas recuperadas são as de autores que, além de consagrados no campo da bibliofilia, se intitulam bibliófilos. Na do ficcional, são as dos personagens do romance “Edições perigosas” (título original: *Booked to die*), o primeiro livro da série de ficção policial do detetive bibliófilo Clifford Janeway², escrito por John Dunning e publicado nos Estados Unidos pela *Charles Scribner's Sons*, em 1992, e no Brasil pela Companhia das Letras, em 1994.

A partir dessas narrativas, buscaremos analisar as coleções bibliófilas tendo por objetivos: a) apontar relações existentes entre livro, literatura e memória e, nesse sentido, de que forma essas relações se potencializam na coleção; b) caracterizar seus aspectos informacionais visando à identificação de categorias e tipologias; c) observar de que forma a coleção constrói a identidade do bibliófilo.

¹ Paralelo entre o pensamento de Léon Deubel– “Eu creio... em minha alma: a Coisa” – apresentando Benjamin em seu texto *O colecionador*(2006), e o pensamento de Eco de que identificamos nossa alma com nossa memória, apresentado em seu livro *A memória vegetal* (2010).

² Série de cinco títulos, a saber: “Edições perigosas”, 1994 (*Booked to die*, 1992), “Impressões e provas”, 1996 (*The bookman's wake*, 1995), “A promessa do livreiro”, 2005 (*The bookman's promise*, 2004), “Assinaturas e assassinatos”, 2008 (*The sign of the book*, 2005) e “O último caso da colecionadora de livros”, 2009 (*The bookwoman's last fling*, 2006).

2 LITERATURA E MEMÓRIA: UM CAMINHO DE LIVROS

Literatura é a arte das palavras, do narrar. Levando-se em consideração a concepção de Pierre Janet de que “o ato mnemônico fundamental é o ‘comportamento narrativo’” caracterizado “antes de mais nada pela sua *função social*” por se tratar “de comunicação a outrem de uma informação, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui seu motivo” (JANET, apud LEGOFF, 2012, p. 407), poder-se-ia falar de literatura como arte mnemônica. Se as próprias palavras com as quais os homens pensam e se comunicam não pertencem integralmente a eles, mas lhes são dadas por outros, é possível afirmar que, no que dizem e escrevem, trazem e transmitem as marcas de seu tempo e da sociedade a que pertencem.

Sendo algo criado propositalmente para registrar, armazenar e transmitir informação, o livro se apresenta à literatura como morada física, destacando-se como seu suporte material e meio difusor de excelência, a tal ponto que, “no sentido amplo, a literatura supõe o livro e é ao mesmo tempo sua razão de ser” (ESCARPIT, 1976, p. 16). Os livros e a literatura não cessaram de sofrer e provocar transformações ao longo de sua trajetória, respondendo, como criações que são, às necessidades dos humanos e a suas variadas intenções; suas mutações, ao mesmo tempo o reflexo e a superfície refletora das mutações sociais.

O livro também permitiu a personalização da escrita, pois representa uma porção de memória que, mesmo coletiva, foi “selecionada segundo uma perspectiva pessoal” (ECO, 2010, p. 15). Transforma a leitura em diálogo, na medida em que, diante dele, busca-se *alguém* e seu modo individual de ver as coisas, procura-se “interpretar um pensamento, uma intenção” (ECO, 2010, p. 15). “A leitura se torna um diálogo, mas um diálogo [...] com alguém que não está diante de nós, que desapareceu talvez há séculos, e que está presente só como escrita” (ECO, 2010, p. 16). Apenas como escrita, mas que ainda assim, está presente. Presença passível de ser reativada a qualquer momento pela leitura e, através dela, de ser impressa na memória de outro, como se observa no passeio de Halbwachs (2012) por Londres, com Dickens; que estava lá, mas não estava.

Uma coleção de livros pode ser encarada, como uma coleção de si mesmo composta por muitos outros; a construção de uma memória de memórias; uma fala de falas; um emaranhado de memória coletiva pluralizado pelo fato de que seu objeto de coleção vem carregado de conteúdo intelectual, sendo veículo de outras informações e memórias, além daquelas que todo objeto, como objeto, emite.

3 BIBLIOFILIA NO LIVRO: A FORMA GÊNERO

Uma vez que literatura é arte, como toda arte ela “é uma transfiguração do real, [...] a realidade recriada através do espírito do artista”. Visto que a realidade se transforma, na literatura essas transformações são retransmitidas “através da língua para as formas, que são os gêneros” (COUTINHO, 1978, p. 9-10). É possível então tomar os gêneros como “fenômenos históricos profundamente vinculados à vida cultural e social” (MARCUSCHI, 2002, p. 19), marcas das mudanças e tempos sociais na literatura, descrições de novos reais, que atendem a novos anseios de expressão e vontades de leitura que surgem quando as configurações sociais se rearranjam.

O romance policial (gênero que aqui nos cabe discutir) emerge nos trabalhos do escritor americano Edgar Allan Poe, no século XIX, como texto sintomático de um contexto de modernidade, onde se vê o racionalismo e o cientificismo aplicados à criação. A urbanização e industrialização; o aumento da criminalidade; “a criação da polícia; o desenvolvimento de um público consumidor de jornais, em que os crimes eram divulgados; o surgimento do folhetim como gênero e as influências do positivismo” (FREITAS, 2007, p. 3) são algumas das circunstâncias que contribuíram para a consolidação do romance policial.

Esse gênero se caracteriza por uma narrativa objetiva, que se pretende o mais verossímil possível e cujo foco principal é o processo de resolução do mistério. Sua estrutura é marcada pela presença do crime e da investigação, destacando-se o embate entre o mal – representado pelo criminoso – e o bem – personificado pela figura do detetive.

5 ORA, ORA, SE NÃO É O DOUTOR J.

Clifford Liberty Janeway é um policial que ama e coleciona livros. Sua profissão e seu hobby seguem paralelos, até que o assassinato de um alfarrabista faz com que esses dois lados de sua vida se cruzem. Insatisfeito com a carreira de detetive, Janeway resolve deixar a polícia e concretizar um sonho antigo: abrir uma livraria especializada em livros usados e raros. O aparentemente idílico e pacato mundo dos bibliófilos logo se revela um campo de trapças, disputas, roubos e assassinatos, nem de longe tão pacífico quanto se poderia imaginar. Tem início uma conturbada jornada na qual Janeway é levado a acionar a vida que pensava ter deixado para trás, para resolver crimes ligados à obsessão bibliófila. Entremeando informações bibliográficas e bibliológicas com narrativa policial, John Dunning nos transporta a um universo dos livros romanceado, mas não tão ficcional assim.

6 BIBLIÓFILOS E BIBLIODETETIVES

As coleções acompanham o homem desde a pré-história. A princípio ligadas a objetos utilitários e à sobrevivência, em sua trajetória, foram se tornando cada vez mais simbólicas, ao ponto que hoje, referem-se “à posse mais que à necessidade” (MOLES, 1981, p. 137). A relação coleção-colecionador demanda dedicação, dá sentido à vida, é intensa de tal forma que chega a ser comparável a relação entre o homem e a mulher amada (MOLES, 1981, p. 140). “É como fazer amor com uma mulher... a atividade mais hipnótica a que um homem pode se dedicar” (DUNNING, 2007, p. 166), afirma Janeway, e também o bibliófilo Eduardo Frieiro quando, ao descrever o colecionar diz que “é sentimento que se parece muito com o amor dos sexos. Em ambos há sensualidade e egoísmo [...]. O amante quer possuir só para si o objeto do seu amor” (1999, p. 26), como também o quer o colecionador.

Segundo Moles (1981), os objetos de coleção podem ser avaliados em dois grupos: domésticos (objetos comuns: lápis, bibelô, etc.) e extra-domésticos (objetos de arte). Em que grupo estariam os livros colecionados? Certamente há livros que podem ser categorizados objetos domésticos, mas os de uma coleção bibliófila tendem ao segundo grupo.

Os tipos de coleção seguem de acordo: as de objetos comuns, sem valor intrínseco, e aquelas à que Moles chama “conjunto/rico”, formada por objetos de arte e cujo critério se orienta pelo gosto do colecionador. Na “coleção bibliófila [...] o livro é antes de tudo um objeto, e a “biblioteca”, uma coleção de objetos caracterizados por traços relativos ao conteúdo mais que ao continente, formando um ciclo, o do objeto de arte, seja por sua forma externa, seja por sua forma interna” (MOLES, 1981, p. 141). Uma vez que a categoria “livro” representa um conjunto por demais grande para que uma coleção dê conta de sua totalidade, as coleções bibliófilas representam um “conjunto de tipos ou um mostruário contínuo destes a partir de uma dimensão suplementar” (MOLES, 1981, p. 139). E que tipos são esses? Para Rubens Borba de Moraes, “é uma questão de gosto e de conhecimento” (2005, p. 20).

Os limites que dão forma à coleção de um bibliófilo são inúmeros: há os que colecionam encadernações, há os que colecionam por autor, por tema, por período histórico ou geográfico, aqueles que, como Janeway, primam pelas primeiras edições; tão variadas são as possibilidades quanto às preferências de seus colecionadores. Há marcas que podem tornar o objeto mais desejável, como um *exlibris* ou um autógrafo: aquilo que o torna único. Seja qual for o critério, um denominador comum perdura: o conhecimento. É preciso saber sobre livros, entender deles, pois como identificar o desejável sem fazê-lo? “Colecionar é uma arte. Como toda arte, é preciso que esteja combinada com o conhecimento [...] para se tornar uma verdadeira criação” (MORAES, 2005, p. 20). Além disso, como “todo amor aspira

compreender o objeto amado” (FRIEIRO, 1999, p. 29), um bibliófilo é um estudioso do livro, o que movimenta todo um fluxo de informação.

7 SERES FEBRIS

A coleção forma o bibliófilo, ou o bibliófilo forma a coleção? Na narrativa de Dunning uma expressão é recorrente: “a febre dos livros”, arroubo que acomete como febre, a “loucura mansa” de Mindlin (1997), estado permanente ao qual o bibliófilo se entrega. Na ficção, Janeway se divide entre a vida de policial e a vida de bibliófilo, até que deixa a primeira para viver integralmente a segunda, mas Janeway é, de certa maneira, versão de Dunning, bibliófilo, livreiro de Denver, que mergulha na sua paixão produzindo livros, um passo para além de colecioná-los. Da mesma maneira o fazem os bibliófilos aqui mencionados, que se ocupam de sua coleção não só colecionando, como também escrevendo sobre seu colecionismo, dividindo informação e experiências, acionando “o ato mnemônico fundamental” da narrativa para produzir e perpetuar memórias da atividade que os define como grupo, da escolha de vida que os identifica como indivíduos. Bibliófilos.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. O colecionador. In: _____. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. p. 237-246.

COUTINHO, Afrânio. *Notas de teoria literária*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

DUNNING, John. *Edições perigosas*. 2. ed. 1. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ECO, Umberto. *A memória vegetal: e outros escritos sobre bibliofilia*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

ESCARPIT, Robert. *A revolução do livro*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1976.

FREITAS, Adriana. Romance policial: origens e experiências contemporâneas. *Revista Contracultura*, Niterói, n. 01, dez. 2007. Disponível em: <http://www.uff.br/revistacontracultura/Adriana%20Freitas_artigo_romance_policial.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2013.

FRIEIRO, Eduardo. *Os livros nossos amigos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. 2. ed. 6. reimpr. São Paulo: Centauro, 2012.

LEGOFF, Jacques. *História e memória*. 6. ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MINDLIN, José. *Uma vida entre livros: reencontros com o tempo*. São Paulo: EDUSP, 1997.

MOLES, Abraham A. *Teoria dos objetos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1981.

MORAES, Rubens Borba de. *O bibliófilo aprendiz*, ou, Prosa de um velho colecionador para ser lida por quem gosta de livros, mas pode também servir de pequeno guia aos que desejam formar uma coleção de obras raras antigas ou modernas. 4. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.